

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA:

Análise de dois casos

Artistic intervention in the Integrated school program: Two cases analysis

RESUMO

Apresenta-se um estudo sobre a oficina de Intervenção Artística ofertada pelo Programa Escola Integrada, sua estrutura dentro do programa, organizada e coordenada através da Equipe de Educomunicação e Arte e o processo de construção dessa equipe. O foco desta pesquisa é mostrar se seus objetivos podem ser alcançados e de que forma. Através de uma pesquisa de campo, com detalhes sobre as características desta oficina, seu processo de construção, sua coordenação e seus objetivos, definidos pelos Parâmetros da Oficina de 2012, apresentar-se-á uma análise comparativa entre duas escolas com experiências distintas, com o propósito de verificar a efetividade de seus objetivos na prática.

Palavras-chave: Programa Escola Integrada, Intervenção Artística, objetivos e práticas pedagógicas.

ABSTRACT

It present a study about the Artistic intervention's workshop offered by Integrated school program, your structure within program organized and coordinated through Educommunication and Art's team and the process of construction of this team. The focus of this research is show if your objectives could be reached and what way. Through of a field's research with details about the characteristics of this workshop, your construction's process, your coordinates and ways defined by 2012 workshop's parameters will present an analysis between two schools with different experience with a purpose of verify the effectiveness of your ways in the practice

Key-word: *Programa Escola Integrada*, Artistic intervention, objectives and pedagogical practice.

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA:

Análise de dois casos

*Edson José Carpintero Rezendeⁱ
Jéssica de Sousa Moreiraⁱⁱ
Selma Elias de Magalhãesⁱⁱⁱ*

1. INTRODUÇÃO

Dentre as oficinas oferecidas pelo Programa Escola Integrada – PEI é contemplada a oficina de Intervenção Artística. Essa oficina é coordenada por uma equipe denominada Educomunicação e Arte, composta pelas subequipes de Dança/Teatro, Educomunicação (rádio, jornal, vídeo, etc) e a Intervenção Artística.

Pretende-se evidenciar o desenvolvimento dessa oficina, o estudo de seus objetivos, verificar se são passíveis de alcance, levantar os fatores facilitadores e dificultadores ao seu alcance, através de uma análise comparativa entre duas experiências.

Para coletar dados operacionais da oficina, utilizou-se o catálogo *Arte, intervenção e comunidades* – publicação do Programa Escola Integrada, através da Prefeitura de Belo Horizonte, feita em 2010 para a divulgação de experiências da oficina de Intervenção Artística nas escolas. Além dos Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística 2012, onde constam os objetivos submetidos ao estudo, procura-se averiguar o histórico dessa oficina, levantar suas principais características e sobre seus objetivos através de entrevistas semiestruturadas feitas com a ex-coordenadora da Equipe de Educomunicação e Arte, os dois ex-coordenadores de Intervenção Artística e cinco dos nove agentes culturais de coordenação que compunham a equipe no final de 2012.

Já o estudo comparativo entre duas experiências foi feito através da análise de dados coletados por entrevistas feitas com monitor, alunos, professor comunitário e agente cultural de coordenação de cada uma das escolas analisadas. As perguntas dessas entrevistas basicamente tentam captar o ponto de vista de cada um desses atores no processo de construção do trabalho, pois acredita-se que cada um deles tem sua relevância.

2. Desenvolvimento da oficina no Programa

As informações subsequentes foram organizadas, em sua maioria, a partir de dados oferecidos nas entrevistas coletadas.

Durante a implementação do programa, duas professoras engajadas, que atuaram na coordenação do Projeto Guernica, pesquisando na área de Educação Integral e Intervenção Artística, passaram também a coordenar o PEI. Uma delas para desenvolver uma experiência de arte e intervenção, partindo de seus conhecimentos no projeto e de pesquisas em outras comunidades.

O Projeto Rede do Terceiro Ciclo que existia na prefeitura quando o PEI iniciou, oferecia oficinas de diversas áreas aos alunos, porém de forma mais restrita. Esse projeto terminou e o PEI entrou em cena. Os agentes culturais que atuavam nesse projeto por já estarem em contato com os alunos e serem contratados receberam a proposta de compor a equipe do PEI. Até então, a equipe era composta somente por uma das professoras, que já havia começado o trabalho de intervenção em algumas escolas, porém a partir daí a equipe se expandiu com esses agentes, que começaram a ter formação com ela e aos poucos desenvolveram a ideia de acompanhamento das escolas também.

Fazendo referência ao conjunto de trabalhos de Intervenção Artística desenvolvidos entre 2008 e 2009, o Catálogo Arte, Intervenção e Comunidades (2010) nos aponta:

Enquanto produzem nos muros, fachadas, postes e outros suportes urbanos, as crianças e adolescentes aprendem a perceber melhor o ambiente à sua volta, a identificar aspectos próprios de suas comunidades, a confrontar e a compartilhar opiniões e gostos uns com os outros e a propor arte, considerando estímulos presentes na própria rua.

As pinturas espalhadas pela cidade provocam e chamam a atenção das pessoas, despertam a curiosidade e suscitam um fluxo interativo e dinâmico entre comunidades e escola. Os moradores querem saber mais, sugerir e ceder um muro ou uma fachada para as intervenções (BELO HORIZONTE, 2010, p. 7).

Num determinado momento dessa trajetória houve a necessidade de se organizar melhor as áreas de acompanhamento, pois as pessoas possuíam formação em diversas áreas e era necessário definir e organizar melhor as práticas de agentes culturais de cada uma delas. A primeira professora que atuou na coordenação desses agentes precisou se afastar do cargo. Sua substituta foi uma das entrevistadas nesta pesquisa, a Coordenadora 01, antes acompanhante das escolas do programa na regional Venda Nova e Nordeste.

A formatação dessa equipe, denominada Educomunicação e Arte passou a ser da seguinte forma: coordenação geral da equipe, coordenadores de áreas de Dança/Teatro, Educom (rádio, jornal, vídeo, etc.) e Intervenção Artística. No caso da Intervenção Artística, essa coordenação era feita pelos entrevistados: Coordenadora 02 e Coordenador 03.

Cada uma dessas subequipes era composta, além de seus coordenadores, por agentes culturais de coordenação, responsáveis pelo acompanhamento de escolas e monitores, na área específica de atuação de cada um. Além dos próprios monitores de oficina e bolsistas que atuam diretamente com os alunos e comunidade escolar com o desenvolvimento das oficinas.

A oficina de Intervenção Artística no início era confundida com oficina de grafite e foi denominada como oficina de Intervenção Urbana por um tempo. Porém, com a sistematização da equipe e pensando na melhor opção de nomenclatura para se transmitir uma ideia adequada do que se pretendia, definiu-se a oficina como Intervenção Artística. De acordo com a Coordenadora 02 (ex-coordenadora da oficina):

[...] não que a nomenclatura intervenção urbana esteja incorreta, mas intervenção artística amplia o campo de atuação não pensando a intervenção só como uma proposta urbana, mas sim uma proposta artística que explora suportes diversos externos aos muros das escolas, nos próprios muros e dentro da escola, etc. (Coordenadora 02, 2013).

As práticas dessa equipe referem-se ao conjunto de oficinas de Intervenção Artística realizadas nas escolas aderidas ao PEI. Essas oficinas são, como já dito, ministradas por monitores da comunidade e bolsistas. Os agentes culturais de coordenação acompanhavam esses monitores, auxiliando nas dificuldades dos mesmos e levando problemas mais sérios para seus coordenadores. Esses problemas eram estudados, discutidos, a fim de se encontrar uma solução. Quando encontrada, essa solução era levada à escola por meio dos próprios agentes culturais. Se o problema não fosse da alçada da equipe seria levado a outras instâncias competentes para resolvê-lo.

É importante ressaltar que esse modelo, infelizmente, não supria as necessidades de todas as escolas devido ao baixo número de agentes culturais contratados. O quadro de funcionários para exercer essa função sempre estava abaixo do necessário pra atender todas as escolas, visto que cada agente cultural acompanhava em média seis escolas, fazendo um rodízio com outras quando necessário e possível. Contudo, a equipe procurava se integrar ao máximo de escolas e experiências, elencando aquelas que possuíam mais problemas para serem acompanhadas com maior frequência e aquelas já melhor estruturadas com uma frequência menor de visitas.

Uma das formas de ter acesso a todos os monitores e oferecer algum suporte para eles, além dos acompanhamentos, eram as formações oferecidas ao longo do ano, totalizando quatro ao ano. Através das formações abordavam-se temas e técnicas de utilidade para os monitores.

Sobre as características da oficina, os agentes culturais de coordenação destacaram alguns pontos. A integração entre comunidade e escola foi citada por quatro dos cinco agentes culturais entrevistados. Cada um a seu modo, explica a relação interno/externo à escola. É tratado nas respostas: a integração escola/comunidade, que desenvolve um respeito pelo que é produzido; a expansão do espaço da escola além de seus muros e a relação com o meio urbano.

Outra característica citada é a promoção de vivências estéticas e produções artísticas dos alunos. Para um dos agentes culturais esse é um “mecanismo que contribui de forma ativa para a formação de uma educação integral de qualidade.” Falou-se, nesse aspecto, da importância de propiciar conhecimentos técnicos e conceituais da arte aos alunos, bem como a importância de tê-los como foco de atenção, pois serão eles a intervir na comunidade, nas palavras de uma agente

cultural: “os traços dos meninos que devem ser visados, a ideia é que os traços deles sejam valorizados”. De acordo com outra agente cultural, os monitores fazem um trabalho que associa o conhecimento artístico com a intervenção nas ruas.

Um dos agentes culturais cita a integração da oficina de intervenção artística com tudo o que ocorre na escola e com todas as outras oficinas. Segundo ele, a oficina tem condições de, mesmo com suas especificidades, estar inserida em tudo.

No aspecto das produções práticas, dois agentes culturais citaram que, muitas vezes, o enfoque é dado à pintura e grafite nos muros. Mas destacam que a amplitude é bem maior e que quando não é explorada, é devido à falta de conhecimento dos envolvidos. Mesmo assim, a oficina é a que tem mais visibilidade, sendo bastante procurada pelas escolas, de acordo com uma das agentes culturais.

Cada agente cultural acompanhou de cinco a nove monitores no ano de 2012. Foi perguntado a eles se conseguiram auxiliar nas dificuldades de todos. Três responderam que, quando a dificuldade se restringia ao monitor, conseguiam auxiliar. Desses três, dois disseram que, os casos que não conseguiam auxiliar era devido problemas burocráticos, como materialidade e mau desempenho de PCs e diretores, coisa que não estava ao alcance deles resolverem. Nas palavras de um agente cultural:

[...] a gente intervêm mais no aspecto da prática da oficina e dos planejamentos em relação à oficina, agora coisas em geral que influenciam bastante na oficina em si, mas que tão mais a parte da prática da oficina você não pode fazer muita coisa, e atrapalha de qualquer forma.

Os outros dois agentes culturais afirmaram que também conseguiam auxiliar na maioria dos casos. Porém, em alguns deles não foi possível o auxílio devido a falta de motivação da parte do monitor. Um agente cultural chega a ressaltar que o maior responsável por essa desmotivação é o baixo salário ofertado a eles. Já o outro agente cultural afirma:

[...] por muitas vezes desenvolvia um projeto para o mesmo, elencava os materiais, mas o monitor não se empenhava em concretizar a proposta. Na maioria dos casos a materialidade se mostrou um empecilho, mas havia alternativas de materiais e abordagens, e novamente a falta de interesse do monitor apenas reforçava as dificuldades.

Numa questão sobre as transformações vivenciadas no desenvolvimento da equipe e do PEI, um agente cultural afirma que a oficina de fato ocorre em alguns lugares, mas que isso depende do monitor e do aporte do professor comunitário. Nessa questão, outro já aponta as transformações que viveu particularmente, como profissional. Já os outros três entrevistados, focaram mais as transformações vivenciadas na transição de 2012 para 2013. Todos apontam como negativa a ausência de coordenação que se submeteu o PEI e as equipes que o compõe. Com a dispensa da coordenação de Educomunicação e arte e dos coordenadores de área, no caso, Intervenção Artística a equipe ficou dispersa, segundo uma agente cultural. De acordo com ela, a

proposta de um novo formato de acompanhamento foi feita sem conhecimento e sem reconhecimento do trabalho que já era executado na equipe.

Outra agente cultural diz que quando entrou para a equipe, em meados de 2012, ainda era possível acompanhar e auxiliar nos problemas dos monitores, porém, com a mudança de gerência, o foco do trabalho ficou deslocado, pois alteraram a rotina a qual os agentes culturais estavam habituados. Os acompanhamentos que já estavam em processo ficaram inacabados; as reuniões dos agentes culturais, que ocorriam semanalmente, deixaram de acontecer e os que ficaram na equipe não possuem mais nenhum tipo de retorno sobre o trabalho que fazem.

O único ponto positivo de toda essa mudança na organização do trabalho, colocado por dois agentes culturais, é o fato de trabalharem em conjunto com as outras áreas. Segundo eles, essa união das subequipes poderia ter acontecido antes, pois auxilia no repertório de todos.

As mudanças do PEI que ocorreram no fim de 2012 e início de 2013 alteraram, como mostrado pelo depoimento dos agentes culturais, toda a estrutura do formato de acompanhamento de 2012, ou seja, o que influencia na prática e no alcance dos objetivos das oficinas. Ao final da pesquisa far-se-á uma análise dessas mudanças, apontando as perspectivas para a continuidade dessa equipe e suas experiências de acompanhamento e formação.

2.1 A construção dos Parâmetros da Oficina e seus objetivos

De acordo com Piletti (1984), o planejamento da ação educativa é indispensável para que se efetivem de forma positiva as orientações e, em seguida, se avalie o trabalho. Pensando dessa forma a equipe de coordenação criou os Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística. Para a Coordenadora 01, colocar a prática no papel era uma necessidade da equipe, pois apenas falar da oficina para as pessoas, não era o suficiente para se alcançar uma apropriação das informações. O documento escrito auxiliaria na fixação e na distribuição dessas informações para os monitores, professores e coordenadores.

Como conta o Coordenador 03, era necessária a preparação da equipe em toda sua diversidade, sistematizando objetivos e avaliação da oficina. Segundo ele, quando assumiu a coordenação, junto com a Coordenadora 02, no final de 2010, a estrutura era comprometida, cada um possuía um conceito diferente da oficina. Era necessário “afinar” o processo. Todas as informações que possuíam sobre as escolas e as práticas dos monitores foram usadas na construção dos Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística de 2012.

O documento utilizado em 2012 foi o aperfeiçoamento dos Parâmetros da Oficina de 2011, que também foi denominado, no início, como Carta de Princípios da Oficina de Intervenção

Artística. No modelo mais atual houve a compilação de um maior número de dados, bem como um aperfeiçoamento dos objetivos, acréscimo de estratégias e referencial teórico.

Segundo a Coordenadora 02:

Esses parâmetros foram elaborados a partir de questões positivas e negativas que os agentes culturais da equipe de coordenação traziam das escolas, a partir das nossas percepções em visitas nas mesmas e principalmente a partir do perfil das escolas. Tivemos também a ajuda da ONG Aprendiz de SP, eles contribuíram na sistematização do material levantado (Coordenadora 02).

Nesse sentido, pode-se dizer que houve a preocupação em associar a teoria com a prática. Segundo Piletti (1984), dentre as etapas de um planejamento de ensino, há de se conhecer a realidade, ou seja, conhecer o público a qual se destina esse planejamento e qual seu ambiente. Somente a partir do diagnóstico dessas informações é que se torna possível o estabelecimento do que é possível alcançar, do como é possível e de como avaliar. Daí pode-se executar o plano com maior segurança, mesmo que se incorporem outros elementos não previstos.

No caso dos Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística 2012, eles podem auxiliar todo o processo de construção da oficina, observando todos os elementos que a envolvem, focando na prática dos monitores e bolsistas, no que deveriam alcançar de forma abrangente. Porém, no decorrer de suas oficinas, a ideia é de que cada um acrescentasse outros objetivos específicos à proposta que fosse realizar. Para isso, como nos aponta Iavelberg (2003), é necessário que esse monitor conheça os procedimentos em arte para que possa ensinar aos alunos.

Constam, nos Parâmetros, a introdução, que resume informações sobre o PEI, a missão do programa, os princípios da oficina, objetivo geral, objetivos específicos, estratégias, texto sobre referências conceituais, referências bibliográficas, glossário e tabela com relação de cargos e suas respectivas funções e estratégias de ação.

Não existe prática educativa sem objetivos, afirma Libâneo (1992). Para o autor, os objetivos mostram os propósitos definidos, a partir deles que se possibilita a escolha conteúdos e elaboração de métodos. Nesse sentido, pode-se afirmar que foram bem descritos os objetivos da oficina de Intervenção Artística. Primeiramente, porque para serem elaborados foram baseados em fatos e necessidades reais do programa e da oficina. Segundo, porque o objetivo geral aborda o aspecto macro a que se destina a oficina num contexto de Educação Integral: “Objetivo geral – Aproximar áreas do conhecimento da escola, da comunidade e dos envolvidos para a construção da educação integral, dentro da proposta pedagógica da comunidade e cidade educadora”.

E em terceiro lugar, porque os objetivos específicos apontam exatamente os resultados processuais da prática da oficina. São eles:

Objetivos específicos – Fomentar articulações entre espaços, agentes e ações da comunidade na qual a escola está inserida; trabalhar conceitos técnicos das artes visuais; relacionar as oficinas ao cotidiano escolar, à comunidade e à cidade; estimular a apropriação dos espaços da comunidade pelos envolvidos; ampliar os repertórios dos

envolvidos; estimular a valorização e interesse pelas diferentes produções da comunidade; estimular a produção plástica na comunidade, a partir de Intervenção Artística.

É importante ressaltar que a elaboração desses parâmetros, em especial seus objetivos, abrange toda a comunidade escolar. Todo o trabalho tem como centro os alunos, porém envolvem e atingem diversos outros agentes, por isso da característica dos objetivos de não estar direcionados somente para os alunos. Estes objetivos, os monitores é quem devem estabelecer, de acordo com suas atividades. É necessário que os monitores, a partir dos Parâmetros da Oficina, determinem os conteúdos e o que os alunos serão capazes de fazer e de compreender ao final de cada experiência.

Para complementar essa afirmativa, perguntou-se aos agentes culturais de coordenação se os objetivos da oficina possuem coerência com a realidade e se possuem condições de serem alcançados. A maioria dos agentes culturais de coordenação afirmaram que, apesar de serem baseados na realidade, todos os envolvidos deveriam ter conhecimento deles e nem sempre isso acontece. A teoria e a prática precisam se aproximar mais através do interesse pela oficina da parte dos monitores, dos PCs e do restante da comunidade escolar e do entorno.

Em 2012, como esses empecilhos eram trabalhados na prática dos agentes culturais de coordenação, acredita-se que havia condições para serem alcançados, porém, considerando a realidade de cada escola.

2.2 Fatores facilitadores e dificultadores no alcance dos objetivos

Foi feito um levantamento com os Coordenadores e Agentes Culturais entrevistados de quais seriam os fatores que facilitam e quais dificultam a realização das oficinas de Intervenção Artística e o alcance de seus objetivos. A compilação desses dados foi feita através do QUADRO 1:

QUADRO 1
Relação de Fatores Facilitadores e Dificultadores

	Facilitadores	Dificultadores
No que compete ao monitor/bolsista	Iniciativa em entender a proposta da oficina; Ser pesquisador e aberto a sugestões; Ser dinâmico; Capacidade de persuasão	Falta de interesse
No que compete a gestão escolar	PC apoiar monitor/bolsista	Ausência de apoio PC; Diretor e PC não compreenderem a proposta; Diretor e PC não conhecerem os objetivos da oficina; Falta de materiais

		adequados; Contratação de profissionais sem perfil adequado;
Outros	Bom relacionamento entre monitor, PC, escola e comunidade; Coordenação de área – organização de práticas	Falta de integração entre programa X escola regular; Política que interfere no trabalho ao focar nos números e não na qualidade

Fonte: Autoral

Para superar as dificuldades, o monitor/bolsista da oficina deveria possuir algumas características. Essas são, de acordo com os entrevistados:

- Possuir/buscar conhecimento em artes visuais (técnica, acadêmica ou autodidata);
- Possuir interesse e experiência na área do ensino;
- Ter cuidado e zelo com o material e com a técnica utilizada, a fim de desenvolver um trabalho bem feito.

Já o PC, responsável pela seleção e contratação dos monitores deveria fazer a escolha com maior cuidado, respeitando os requisitos básicos para que o monitor possa desenvolver a oficina. Do contrário, ocasionam-se problemas com o alcance dos objetivos, dificultando o andamento da oficina.

As estratégias da equipe de coordenação para melhorar o quadro geral da oficina e facilitar o alcance dos objetivos eram:

- Construção dos Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística, seu uso e distribuição;
- Oferta de documentos de suporte para monitores/bolsistas com maiores dificuldades: lista com sugestão de material para pintura, tabela contendo pesquisa de artistas de referência na área e sugestão para preparação de uma oficina;
- Divulgação e incentivo a participação dos monitores/bolsistas nos Seminários promovidos pela Secretaria e pelas universidades, como o Fórum de Educação Integral e os encontros do Teia UFMG;
- Visita pontual dos agentes culturais de coordenação às escolas – principal forma de interação e troca de informações. A cada visita realizada era feito um relatório de acompanhamento, sendo as observações escritas neste e também discutidas nas reuniões semanais.

- Formações de monitores e bolsistas, organizadas a partir das reuniões. Ocorriam quatro vezes ao ano, com duração de quatro horas cada.
- Uso de blog e redes sociais. Esses canais eram abertos a todos os monitores/bolsistas, em que poderiam trocar experiências, referências, além de expor alguma dúvida, caso necessário.

2.3 Perspectivas futuras para a Equipe de coordenação

Considerando as experiências relatadas e tendo como conhecimento todos os aspectos apontados pela Equipe de coordenação da oficina de Intervenção Artística, bem como as alterações que sofreram na transição do ano de 2012 para 2013, surge a dúvida em relação ao rumo que se dará o conjunto de práticas dessa oficina.

Pensando nisso, fez-se a seguinte pergunta a todos os entrevistados, ex-coordenadores e agentes culturais de coordenação: “você acredita que, se o formato da Equipe de coordenação fosse mantido, aperfeiçoando o que fosse necessário, o quadro geral da oficina melhoraria?”.

O Coordenador 03 respondeu que sim, que apesar de ainda não terem total liberdade de interferir e alterar, já estava sendo construída uma relação mais estreita com a gestão do programa e com as universidades. Porém, não foi possível dar continuidade a essa conversa, já que tais práticas da equipe foram interrompidas, pelos motivos já citados.

Já a Coordenadora 02, diz que aperfeiçoaria as formações, pois quatro ao ano é considerado pouco, devido o vasto número de informações, técnicas e procedimentos para compartilhar com os monitores. Com mudanças feitas de forma constante e uma coordenação que agisse com as propostas reais, como era feito, poderia alcançar mais transformações.

A Coordenadora 01, através de seu depoimento, esclarece a fase que se encontrava a equipe de Educomunicação e Arte:

Eu não mudaria nada. Eu daria continuidade porque, principalmente pensando no trabalho de intervenção artística, ele já vinha de muito tempo, né, então ele já tinha passado por várias... ah... ele já tava na fase adulto dele, acho que agora era só continuar o trabalho. Porque agora muitas escolas já estavam entendendo melhor a proposta, né, as escolas que ainda não entendiam já estavam num ponto de começar a ver o trabalho de outras e de compreender. Triste demais... eu acho que é isso, tava na fase adulta do projeto, era só continuar que tava no caminho certo (Coordenadora 01).

Os agentes culturais de coordenação, afirmam, em sua maioria, que as mudanças positivas continuariam crescendo, se as práticas permanecessem como eram. Isso, porque, para eles, a proposta dialogava com a Educação Integral, auxiliava no trabalho efetivo dos monitores, era uma

preocupação qualitativa que, aos poucos, se abrangia para um número maior de escolas. Mas para isso, precisaria de maior apoio e não de retrocesso nas práticas desenvolvidas. Apenas um dos agentes culturais afirma que também seria necessário na equipe pessoas com mais perfil de liderança.

As palavras de uma das agentes culturais resumem o que foi dito:

[...] a gente não tinha essa visibilidade de crescimento, de politicagem, de aumento de nada, a gente tinha... os meninos eram... os meninos e a intervenção eram o nosso foco, então, assim, a estrutura que era ano passado, que era com essa coordenação de área, então, a coisa funcionava, funcionava e se tivesse continuado, com certeza, fazendo ajustes aqui e ali, que eram questões que já estavam sendo levantadas juntamente com essa coordenação de área, nas reuniões que a gente fazia, né, com certeza a tendência era melhorar cada vez mais o trabalho nosso, dar qualidade a mais pr'as oficinas.

De acordo com um dos agentes culturais, poucos foram os que permaneceram na equipe no ano de 2013, porém diante das dificuldades e barreiras da gestão “estes não possuem força nem representatividade para lutar pelas melhorias que em anos foram construídas e em poucos meses se estagnou ou findou”, relata.

3. ESTUDO COMPARATIVO DE DUAS ESCOLAS

Escolheu-se duas escolas para a realização desta parte da pesquisa de campo, que consta de um estudo de cada uma das escolas e, posteriormente, uma análise comparativa das duas. A escolha foi feita observando-se escolas que frequentemente eram apontadas com experiências de sucesso e de fracasso durante o ano de 2012. Uma escola pertencente a cada um desses “grupos” foi selecionada, considerando a acessibilidade ao local e às informações.

Para fazer a análise foram coletados dados através de entrevistas semi-estruturadas com a/o PC de cada escola, os agentes culturais que acompanhavam as mesmas, três alunos que participaram da oficina de intervenção artística em 2012 em cada uma delas e os monitores. Contudo, o monitor de uma das escolas não compareceu à entrevista, não sendo possível incluir seu relato.

Todas as entrevistas visam o levantamento do papel de cada um desses agentes em diálogo como que já foi mostrado nas páginas anteriores. Dessa forma, teremos mais claramente como essas relações e experiências se dão na prática.

Os dados coletados nas entrevistas foram compilados nos dois quadros comparativos que se seguem:

QUADRO 2
Informações coletadas com alunos

	Escola 1	Escola 2
Como entendem Intervenção Artística	Aula sobre arte. Aprendem desenhos, mosaicos. Arte feita em qualquer tipo de lugar	Expressão de forma diferente. Fazer arte expressando o que se sente
Atividade marcante no ano	Pintar o muro da escola. Estudar mosaicos	Pinturas em caçambas e muro (anteriores a 2012). Pintura em muro interno
Conhecimentos adquiridos	Mosaicos, formas geométricas, linhas, uso da cor, claro/escuro	Stêncil. Informações sobre Jackson Pollock. Perspectiva
Quem desenvolvia os trabalhos	Às vezes o grupo, às vezes individualmente. Ideias coletivas	Eram desenvolvidos em conjunto

Conexões do trabalho com o lugar	Ocorriam em espaços internos e externos. As pessoas se identificavam com os trabalhos	Havia um porquê de trabalhar nos lugares
Repercussão dos trabalhos	Repercussão positiva pela comunidade intra e extra escolar	Repercussão positiva. Interesse das pessoas pelos trabalhos
Expectativas futuras	Participar mais vezes da oficina para aprender mais sobre artes plásticas. Fazer intervenções em espaços como a casa, a sala de aula	Participariam mais vezes da oficina. Expectativa de uma melhor seleção de alunos para fazer os trabalhos. Concluir um trabalho em perspectiva, abordado só teoricamente. Desenvolver intervenções em outros lugares
Outros		Alegam que a oficina não ocorria da maneira que o monitor queria por falta de material.

Fonte: Autoral

QUADRO 3
Dados sobre Intervenção Artística nas escolas exercício 2012

	Escola 1	Escola 2
Tempo de atuação do(a) PC no PEI	Desde 2010	Desde 2012
Formação do(a) PC	Pedagogia com pós-graduação	Teatro. Artes Plásticas com especialização
Conhecimento do PC sobre Intervenção Artística	Possui a partir das experiências na escola	Possui a partir da formação profissional/acadêmica
Seleção do monitor	Pela universidade e por entrevista com a PC	A PC anterior o convidou para trabalhar na escola
Perfil do monitor	Adequado	Inadequado
Formação na área	Bolsista/Design Gráfico	Não possuía
Motivação do monitor	Presente	Não possuía

Pesquisas e iniciativas do monitor	Ocorreram	Ocorreram parcialmente
Uso dos Parâmetros da Oficina pelo monitor	Ocorreu	Não ocorreu
Desenvolvimento da oficina em 2012	Estudo da linha e da cor através da <i>Op Art</i> . Estudo de formas orgânicas. Pinturas na calçada da escola e telefones públicos. Introdução à arte dos mosaicos	Um único trabalho feito com stêncil num muro interno da escola sem muito desdobramento
Interlocução com o entorno	Sim	Não
Alcance dos objetivos	Sim	Não
Ponto de vista do PC sobre o acompanhamento	Positivo. Importante para mostrar ao aluno a abrangência do processo	Dá suporte, mas não é o essencial. Considera a questão muito complexa
Período de acompanhamento	2011/2012	2º semestre de 2012
Pontos relevantes no acompanhamento	Conhecer a realidade escolar e dos alunos. Possíveis locais para intervir. Contato com a comunidade. Adequar tema à proposta artística. Possíveis metodologias.	Importância da oficina para alunos e escola. Questões didáticas. Estudo de técnicas artísticas e levantamento de possíveis projetos.
Observações	O monitor participava das formações, encontros na universidade e reconhece esses elementos bem como o acompanhamento e o apoio da PC fundamentais para o desenvolvimento de seu trabalho	Houve uma mediação importante da Agente Cultural na relação PC/Monitor. Ela acredita que poderia auxiliar na efetivação da oficina se tivesse continuado com o acompanhamento O monitor era infrequente nas formações

Fonte: Autoral

3.1 Análise comparativa entre Escola 1 e Escola 2

De acordo com que foi relatado pelos entrevistados e apresentado de forma sucinta nos quadros, pode-se fazer algumas constatações sobre as duas experiências distintas.

Fica claro que a experiência da Escola 1 possuiu êxito, mesmo com seu caráter processual. Nenhum dos envolvidos estava totalmente pronto para vivenciar a oficina na escola, construíram juntos, cada um no seu papel. Isso, inclusive, é positivo para a prática e possui total coerência com os propósitos da Educação Integral. É uma troca, uma constante complementaridade.

Já na experiência da Escola 2 esse processo não fica tão claro. Percebe-se que o desenrolar da oficina nessa escola é comprometido, desde bastante tempo. Seus agentes estão fragmentados e não há um diálogo entre eles.

No caso da Escola 1, cada relato complementa o outro. Percebe-se que, cada um, do seu ponto de vista, olha para o mesmo lugar, tem as mesmas referências quando tratado do assunto Intervenção Artística na escola no ano de 2012. Quando depara-se com o depoimento das alunas, percebemos um pouco de dificuldade em expressar suas experiências. Isso talvez se deva ao fato de estarem intimidadas com a gravação. Estavam tímidas e inquietas ao mesmo tempo, mas é uma atitude esperada para jovens da faixa etária delas. Mesmo assim, percebemos traços coerentes com o que foi relatado pelo monitor.

A fala da agente cultural e do PC sobre a experiência da Escola 2 se relacionam bastante. Ambos percebem e demonstram como a estrutura da oficina é comprometida na escola. Porém, quando compara-se com o depoimento dos alunos envolvidos, aparentemente é mostrado por eles que a oficina possuía uma prática constante, alcançando êxitos.

Pode-se afirmar, em meio a todas essas constatações, que o empecilho para a construção da prática de ensino/aprendizagem por meio da oficina, nunca vem da parte do aluno. O aluno está aberto e disposto para a aprendizagem. O que lhe é ofertado provavelmente surtirá efeito. Isso talvez justifique a fala dos alunos da Escola 2, o pouco que lhes foi ofertado, de certa forma, os atingiu, porque eles estão dispostos a isso. Porém deveriam receber mais e com melhor qualidade. Sabe-se que, por ser jovem e extrovertido, o monitor possui um relacionamento bom com os alunos da escola. Isso pode ter influenciado na fala dos alunos, que podem não ter a intencionalidade de prejudicar o monitor.

Fica claro na análise dessas duas escolas que o fator motivacional é determinante para que ocorra a oficina e que se alcancem seus objetivos. Essa motivação deve partir, principalmente do monitor, como bem mostra a experiência da Escola 2. É claro que se houver suporte das outras instâncias, o trabalho flui melhor, mas o comodismo do monitor é suficiente para estagnar toda a situação.

De acordo com Paulo Freire (1996), a reflexão crítica sobre a prática é fundamental, é o que faz a prática do amanhã ser melhor. Estaria o monitor dessa segunda escola refletindo sobre o seu trabalho? A partir do momento em que não se apresentam, por parte do PC e da Agente Cultural, dados que comprovem a efetivação adequada da oficina e a dedicação do monitor para tal, pode-se dizer que seu interesse é mínimo, não correspondendo ao objetivo de se refletir para construir uma prática cada vez melhor.

No caso da Escola 1, a PC diz que há mudanças constantes no quadro de profissionais e que isso não é totalmente positivo, porém, sua gestão aparenta lidar bem com isso. Sua postura de “formadora” dos monitores que vão para a escola dará suporte para novas experiências se desenvolverem, construídas em conjunto, da mesma forma como a que nos foi relatada. Talvez essa postura auxiliasse no trabalho do PC da Escola 2. Fica evidente sua impaciência com o monitor, a

relação deles aparenta ser intolerável na escola. Por que não, nesse caso, assumir um papel de “formador”, ou melhor, já que competem ao coordenador as contratações de monitores e remanejamento de áreas, por que não migrar esse monitor para uma área pela qual tenha maior interesse? Mesmo que a escola ficasse sem a oficina de Intervenção Artística em sua grade, seria melhor do que essa sensação de estagnação.

Outro fator importante a ser ressaltado é a relevância do acompanhamento dos agentes culturais de coordenação. Mesmo na segunda experiência relatada, percebe-se o quanto foi importante a presença da agente cultural na escola. É como o PC disse, não é fator determinante, porém auxilia a impulsionar. Da experiência da Escola 1 foi bastante ressaltada a presença do agente cultural e suas contribuições. Além disso, é a presença desses agentes nas escolas que possibilita que a SMED tenha conhecimento do que ocorre nas escolas, podendo inclusive usar aquelas de destaque como exemplo e referência para outras escolas.

De fato, existem muitas outras escolas, com realidades distintas das trazidas aqui. Porém, de alguma forma, as questões levantadas apontam e comprovam os pontos principais, em qualquer outra escola: a necessidade de apoio da parte do PC, o conhecimento dele nas áreas das oficinas que oferece, a importância do acompanhamento, a aceitação da proposta por parte da escola e da comunidade, boas condições físicas e materiais, a importância da pesquisa e do planejamento do trabalho e, talvez mais importante que todos os outros, o fato de ser fundamental a iniciativa, motivação e vontade de fazer o trabalho acontecer da parte do monitor.

4. CONCLUSÃO

O conjunto de práticas da equipe de Educomunicação e Arte – Intervenção Artística era tentativa de, constantemente, se aproximar dos propósitos de uma Educação Integral, mesmo quando enfrentava empecilhos.

No estudo realizado comparando-se duas experiências distintas percebeu-se o quanto é importante que se mobilize os envolvidos nesse processo. As pessoas, desde o aspecto macro até o micro necessitam participar de forma ativa, com os mesmos propósitos, cada um no que lhe compete.

A equipe de Educomunicação e Arte viveu durante os primeiros meses de 2013 um período de latência. Aparentemente, as atividades que eram feitas pelos agentes culturais de coordenação no ano de 2012 foram retomadas no último trimestre de 2013. Porém, a equipe

permanece com uma coordenação inadequada para tal, que não estabelece retorno para seus acompanhamentos. Além disso, se em 2012 o número de agentes culturais de coordenação já era insuficiente para acompanhar todas as escolas, com o desfalque da equipe, o número é ainda menor.

Os objetivos da oficina, previstos pelos Parâmetros da Oficina de 2012, não só possuem condições de serem alcançados, como foram alcançados em determinadas experiências.

Nota-se, entretanto, que se os fatores dificultadores apontados não forem superados em algumas escolas, dificilmente tornar-se-á possível atingi-los. Se cada escola com sua realidade distinta, porém com foco direcionado a formação, tivessem escolhas mais refinadas de monitores e acompanhamentos com o interesse e dedicação de todos envolvidos, conseqüentemente cada uma poderia ter êxito. Por outro lado, a escola, mesmo com uma boa coordenação, sozinha não poderá suprir todas as dificuldades que enfrenta o Programa.

Desta forma, encerra-se este trabalho, numa tentativa de retomar o que foi construído nessa oficina, mas, ao mesmo tempo, propor reflexão sobre essa experiência e um questionamento sobre a incerteza do porvir das práticas de Intervenção Artística dentro do Programa Escola Integrada.

REFERÊNCIAS

BELO HORIZONTE, Prefeitura de Belo Horizonte. Programa Escola Integrada. *Arte, intervenção e comunidades*. Belo Horizonte: a Prefeitura, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

LIBÂNEO. José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1992.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. São Paulo: Ática, 1984.

PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA; Educomunicação e Arte. *Parâmetros da Oficina de Intervenção Artística*. Secretaria de Educação, 2012.

ⁱ Possui graduação em Odontologia pela UFMG (1990), licenciatura em Ciências pela PUC-MG (1986), pós-graduação "Latu sensu" em Microbiologia pela PUC-MG (1988), pós-graduação "Latu sensu" em Odontologia Legal pela Associação Brasileira de Odontologia (2003), mestrado em Saúde Coletiva pela UEFS (2006), doutorado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina da UFMG (2011) e cursando Pós-doutorado em Design pela PUC-RJ. Atualmente é professor efetivo de Metodologia Científica e pesquisador nos cursos de graduação e pós-graduação Latu Sensu e Strictu Sensu na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. É líder do grupo de pesquisa "Design em interface com a saúde" e professor pesquisador do grupo extensionista e de pesquisa em Design Social, ambos cadastrados no CNPq.

ⁱⁱ Graduanda do Curso de Artes Visuais – Licenciatura na Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design.

ⁱⁱⁱ Professora designada da Universidade do Estado de Minas Gerais - Escola de Design. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem. Orientadora do Projeto Escola Integrada da Prefeitura de Belo Horizonte. Professora do Colégio Santo Agostinho, Belo Horizonte, desde 1980.